

O USO DO FACEBOOK COMO UM RECURSO PEDAGÓGICO NO ENSINO SUPERIOR

Educação Inovadora e Transformadora

Juliana Santos Alves¹
Leila Maria Araújo Santos²

RESUMO

Este trabalho é um recorte da pesquisa de dissertação do Programa de Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica da UFSM. Foi realizado em uma instituição particular de Ensino Superior da cidade de Santa Maria, RS, em uma turma do primeiro semestre, no curso de Graduação em Enfermagem. A experiência foi realizada a partir de um grupo secreto no FACEBOOK, onde os alunos tiveram acesso a quatro atividades diferenciadas (vídeo, *software*, resolução de problemas e pesquisa), liberadas de duas a duas, em um período de duas semanas. Estas atividades foram valoradas, sendo parte da nota do bimestre, e foram disponibilizadas concomitantemente às aulas expositivas. Dentre os resultados obtidos, verificou-se uma boa aceitação da proposta por parte dos alunos, tendo em vista a familiarização com a rede social; um processo de humanização, pela aproximação da relação professor/aluno; uma preferência por realizar atividades lúdicas; e uma organização do tempo de estudos e cumprimento dos prazos das atividades, suscitado pelo grande número de notificações do grupo.

Palavras-chaves: Facebook; recurso pedagógico; rede social.

INTRODUÇÃO

A educação é, e sempre será, um desafio. Nossos alunos estão desmotivados e perdem o interesse e a concentração em poucos minutos. São jovens que vivem em um mundo tecnológico, rápido, atrativo, interativo, que vai muito além de ficar sentado, passivamente escutando um professor por horas (KNUPPE, 2006). De acordo com Létti (2013, p. 2), “percebe-se a necessidade que os jovens sentem de um ‘algo a mais’ no processo educacional”. Essa é uma geração que tem pressa, que precisa do sentimento de pertencimento, de acolhimento, do coletivo (LÉTTI, 2013), que necessita de estimulação e diversidade no processo de ensino e aprendizagem. Parte disso porque a escola não acompanhou os avanços socioculturais e passou a ser um ambiente desinteressante, da mesmice, e outra parte porque a “necessidade do educando na busca de novas perspectivas e de

¹ Mestre em Educação Profissional e Tecnológica, Especialista em Dermato Funcional, Fisioterapeuta, Graduada pelo Programa Especial de Formação de Professores para a Educação Profissional, Docente da Graduação da Fisma. UFSM. Email: juliana.alves@fisma.com.br.

² Doutora em Informática na Educação. Professora do Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica. CTISM/UFSM. E-mail: leilamas@ctism.ufsm.br.

uma formação adequada enseja o caráter motivador" e esse, por sua vez, requer do educador uma postura em busca do entendimento das dificuldades e anseios de seu alunado, "sempre buscando a melhor ferramenta e a abordagem propícia a cada pessoa ou grupo de interesse ou de trabalho" (FONSECA, 2010, p.12).

O fato é que, enquanto esta modernização do processo educacional ocorre de forma lenta, os jovens se atualizam e fazem uso das tecnologias velozmente. Enquanto os docentes pensam nas possibilidades do uso do computador de mesa na sala de aula, os alunos já estão com seus *smartphones*, *notebooks* e *tablets* nas mãos (LÉTTI, 2013).

Há mais de 10 anos, Marc Prensky (2001) introduziu os conceitos de *nativos digitais* e *imigrantes digitais*. No entanto, essas gerações não se diferenciam somente pela idade, mas também pelo contato e aceitação das tecnologias. Enquanto os primeiros fazem parte de uma geração que nasceu imersa nas tecnologias e que, por isso, se comportam de uma forma diferenciada em todos os sentidos; os segundos foram incluídos na era digital e aos poucos são apresentados às tecnologias. São gerações que pensam e se comportam de forma diversificada. As diferentes experiências e vivências criaram distintos interesses e formas de ver, interpretar e interagir com o mundo (COUTINHO; FARBIARZ, 2010).

É visível em muitas instituições de ensino uma barreira tecnológica entre os nativos digitais e os imigrantes digitais, uma situação em que o aluno perfeitamente integrado ao uso das formas digitais convive com professores receosos do uso das mesmas. O efeito disso é o distanciamento do aluno em relação ao professor e à disciplina, por desinteresse e desmotivação.

Portanto, as práticas pedagógicas precisam gerar atividades que envolvam a colaboração, potencializando a comunicação e ajudando a colocar a educação em um patamar de modernidade condizente com o desenvolvimento da sociedade do século XXI e que, realmente, esteja preocupada com a formação para o mundo do trabalho (SANTOS; BEHRENS, 2008).

A Rede Social Facebook

Facebook, Whatsapp, Snapchat, Twitter, Youtube, Linkedin, Instagram,



Google +, entre outras, são exemplos das diversas opções de redes sociais disponíveis.

A rede social Facebook tem 99 milhões de usuários ativos mensais, 89 milhões de usuários móveis ativos mensais, e 8 em cada 10 brasileiros conectados estão no Facebook. Segundo Marketer, em julho de 2016, estatísticas revelaram que, no Brasil, as redes sociais estavam totalizando “93,2 milhões de usuários, bem mais do que o segundo colocado no ranking, o México (56 milhões de usuários), seguido de longe pela Argentina (21,7 milhões), o que corresponde a 45% da população brasileira”. Não nos importa o número fidedigno de usuários, o que estamos levantando é a grandiosidade desse número, a quantidade de pessoas que disponibilizam tempo do seu precioso dia para olhar, curtir, comentar ou postar algo.

O Facebook é um ambiente que permite a comunicação e a interação entre amigos, familiares, colegas de trabalho e conhecidos, ou seja, uma rede social, a qual permite que você escolha as pessoas com quem quer se relacionar. As opções de comunicação, interação e entretenimento são variadas, indo desde uma conversa *in box*, um comentário na linha do tempo, uma postagem relatando um acontecimento ou um vídeo, uma frase no seu perfil resumindo o que está sentindo, atualizações de notícias e eventos, convites, além de poder jogar, curtir e compartilhar o que achar interessante ou conveniente (PEREIRA; ESPÍNDOLA; ALVES, 2013).

É importante lembrarmos que tanto os alunos do ensino médio, quanto do nível universitário, são usuários ativos do Facebook. Segundo Possoli, Nascimento e Silva (2015), um terço dos usuários do Facebook está em idade universitária, entre 18 a 24 anos. Assim, o uso dessa rede social permite que os usuários formem grupos e troquem informações, consultando seus colegas e professores, “resolvam situações pedagógicas propostas, coloquem *links* para outras direções e/ou materiais, estabelecendo uma dinamicidade diferenciada do que se percebe na sala de aula presencial” (PEREIRA; ESPÍNDOLA; ALVES, 2013, p. 2).

Principalmente no ensino superior, “o incremento da cibercultura reconfigura a comunicação e o relacionamento entre a sociedade e a comunidade acadêmica, bem como instaura perspectivas inovadoras para o processo de ensino-aprendizagem” (POSSOLI; NASCIMENTO e SILVA, 2015, p. 3).

Para Filatro (2010), a educação mediada pela Internet pode vir a ajudar a

ultrapassar o modelo consagrado de ensino presencial. Porém, deixa claro que o professor deve valer-se do *design* instrucional, o qual a autora conceitua como uma “ação intencional e sistemática do ensino” (FILATRO, 2010, p. 11). Assim, há a “incorporação de situações reais de instrução à aprendizagem informal, à autônoma e à colaborativa, além de experiências autênticas de aprendizagem que atendam às demandas de uma sociedade na era da informação” (FILATRO, 2010, p. 216).

Ainda a autora ressalta que o “ambiente digital permite flexibilizar o tempo, cria novos espaços de aprender e ensinar, incentiva o uso de diferentes formas de representação e de comunicação [...] e novas relações com o conhecimento” (FILATRO, 2010, p. 10). Assim, há o desenvolvimento “de novas estratégias didáticas e metodologias de ensino-aprendizagem, bem como a necessidade de agentes educacionais com papéis distintos dos existentes na educação presencial (FILATRO, 2010, p. 10)”.

DESENVOLVIMENTO (RESULTADOS E DISCUSSÃO)

Este relato caracteriza-se por ser um estudo de caso, com objetivos exploratórios, com uma abordagem qualitativa.

Com o objetivo de utilizar a rede social Facebook como um recurso pedagógico, uma ferramenta facilitadora da aprendizagem, a população deste estudo foram discentes da disciplina de Fisiologia dos Sistemas, do primeiro semestre diurno do curso de Graduação de Enfermagem de uma faculdade particular de Santa Maria, do primeiro semestre do ano letivo de 2016.

A proposta de pesquisa foi apresentada para uma população de 52 alunos, dos quais 46 aceitaram participar. As exclusões ocorreram por motivos diversos, sendo que quatro alunos não aceitaram participar da prática pedagógica proposta por não terem acesso à rede social Facebook, ou por não quererem se cadastrar na rede social referida, ou por preferirem uma avaliação formal, ou por motivos pessoais; um aluno não assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, por esquecimento, ou por frequentemente chegar atrasado às aulas, e um aluno negou-se a participar da pesquisa por motivos pessoais não explicados.

Como a pesquisa foi desenvolvida no âmbito de graduação, para uma turma específica da disciplina de Fisiologia dos Sistemas, com a proposta de verificar se o uso do grupo secreto no Facebook pode contribuir para o desenvolvimento da aprendizagem significativa, o estudo teve como etapas a serem vencidas:

a) planejamento: fase que envolveu a formalização do projeto frente à instituição e aos alunos, familiarização com a rede social Facebook e o seu uso como um Ambiente Virtual de Aprendizagem, além de analisar as necessidades e as potencialidades dos sujeitos que foram atendidos pela proposta.

b) implementação: envolveu a seleção da amostra, definições dos recursos utilizados, elaboração de políticas de implementação na forma de um contrato pedagógico e a abertura do grupo secreto³ na rede social Facebook.

c) participação dos integrantes no grupo secreto do Facebook: para assegurar a participação nesta fase, propôs-se uma valoração, com peso cinco, como parte da avaliação do bimestre da disciplina de Fisiologia dos Sistemas.

A participação no grupo almejou uma construção da aprendizagem significativa através de atividades colaborativas, disponibilizadas em forma de vídeo, *software*, resolução de problemas e pesquisa, em que os participantes deveriam fazer postagens das atividades *in box* para a professora, a qual também era integrante do grupo. Estipulamos o período de duas semanas para a realização das atividades via grupo no Facebook, por entender que esse seria o tempo hábil para que, também em sala de aula, os alunos tivessem as aulas presenciais do referido conteúdo.

As atividades foram separadas de duas a duas, de acordo com o número de informações necessárias para a sua realização e o grau de dificuldade das mesmas. Assim, na primeira semana, foram disponibilizados o vídeo e o *software*, juntos, assim como também foi postado um texto de apoio. A realização do vídeo compunha a nota de dois pontos e o *software* três pontos. Na segunda semana, após o fechamento das primeiras atividades, foram disponibilizadas a resolução de problemas e a pesquisa, sendo que a primeira foi valorada em dois pontos e a

³ Foi escolhida esta opção de nível de privacidade, por restringir o grupo a somente os seus membros, uma vez que o compartilhamento de qualquer ideia acadêmica estava liberada no grupo e a professora queria que o ambiente não trouxesse constrangimentos aos seus membros.

segunda em três pontos.

Foi estabelecido que os participantes, dentro do período das duas semanas, realizassem duas das quatro tarefas disponibilizadas, sendo bem esclarecido que poderiam escolher quaisquer duas atividades, porém deveriam atentar-se aos prazos de encerramento das tarefas.

Então, no quarto dia da primeira semana, foi postado pela professora um lembrete a respeito da obrigatoriedade de realizarem duas das quatro atividades que seriam postadas ao final das duas semanas. No dia posterior foi criado um evento com o fechamento das duas primeiras atividades, previsto, então, para o sétimo dia, em que as mesmas seriam encerradas. No decorrer da primeira semana, assim que os alunos efetuavam suas tarefas, postavam *in box* para a professora, possibilitando que, ao encerramento desse período, a mesma publicasse, em uma tabela do *Excel*, as notas parciais, de acordo com as participações.

Ao término da primeira semana, iniciaram-se as postagens da segunda semana, com a disponibilidade das atividades, resolução de problemas e pesquisa. Da mesma forma como na semana anterior, aos poucos, conforme os alunos foram efetuando suas tarefas, elas foram enviadas. No entanto, no último dia ainda havia um número significativo de alunos que não haviam efetuado suas postagens. Contudo, foi novamente liberado um lembrete pela pesquisadora e professora a respeito do término do prazo. Ao final das duas semanas, após a análise das participações, foi liberada uma segunda tabela no *Excel* com a totalidade das participações no grupo com suas valorações.

Ficou liberado aos participantes do grupo o seu uso para realizarem postagens diversas na forma de resumos, vídeos, imagens, curiosidades, questionamentos e sugestões de *sites*, com o intuito de compartilhar e aprofundar os conhecimentos relacionados ao conteúdo trabalhado. Inclusive foi salientado que os questionamentos e dúvidas deveriam ser postados no grupo, para que fossem compartilhados com todos os integrantes.

As dúvidas a respeito das atividades ou da sua execução deveriam ser compartilhadas com todo o grupo através da rede social Facebook. Aos alunos que não quiseram participar da pesquisa foi acordado que, para que o processo de avaliação fosse semelhante, esse pequeno grupo de seis integrantes receberia as

atividades via e-mail, da mesma forma como seriam disponibilizadas ao grupo na rede social e com a mesma valoração.

Com a proposta de utilizar a rede social Facebook semelhante a um Ambiente Virtual de Aprendizagem, foram escolhidas algumas ferramentas de aprendizagem normalmente utilizadas nos mesmos. Buscou-se desenvolver, através dessas ferramentas, a participação, a curiosidade, a pesquisa, a escrita, a reflexão e a crítica. Portanto, optou-se por atividades como vídeos, resolução de problemas, um *software* educativo com atividades variadas e uma pesquisa de materiais de apoio de estudo.

Concomitante à pesquisa, a professora ministrou a aula expositiva, com o auxílio de um *software*⁴, a respeito do conteúdo a ser cobrado.

Infere-se que um número maior de alunos optou por realizar a atividade do *software* por ser lúdica e talvez por isso despertar a curiosidade e o interesse em participar, pois a mesma não era simples de ser realizada, necessitando de comprometimento, pesquisa, interpretações e associações, mostrando-se uma atividade completa, no que diz respeito às diversas formas de aprendizagens. Além disso, de uma forma que não havia sido esperada pela pesquisadora, essa atividade despertou a autonomia e o protagonismo de alguns alunos, no momento em que as respostas dessa atividade, que eram *online*, deveriam ser enviadas *in box* e a professora não havia dado informações a respeito de como seriam os envios, apenas salientando que não queria material impresso. Então, diante da incerteza do envio, muitos alunos entraram em contato com a professora, solicitando informações sobre se as respostas poderiam ser em formato de *prints* das telas do *software*, o que foi uma boa solução para o obstáculo que se apresentou.

Acredita-se que o vídeo não tenha sido muito escolhido por trazer como dificuldade explícita uma necessidade de atenção, pois o mesmo tinha uma duração de aproximadamente doze minutos, acompanhada da interpretação crítica – na qual o aluno deveria salientar os pontos positivos e negativos do vídeo –, ainda somado à escrita, que se sabe ser um “calcanhar de Aquiles” dos estudantes.

⁴ Este *software* é de uso *on line*, incorporado ao site <<http://www.planetabio.com> >, a respeito do estudo do sistema digestório. É formado por informações anatômicas, principalmente ilustrações e simulações que facilitam a apresentação dos processos fisiológicos, assim como o seu entendimento.

A resolução de problemas foi a segunda atividade a ser mais desenvolvida, acredita-se, por apresentar-se em um formato de questão de *verdadeiro* ou *falso*, o que causa certa naturalidade com o tipo de exercício e por terem respostas rápidas, a partir de uma pesquisa *online* bem direcionada.

E não sendo surpresa total, a pesquisa foi a tarefa menos executada, pois fica evidenciada que as várias vezes que a mesma é pedida em sala de aula, nos são apresentados trabalhos superficiais, com muito “copia e cola”, sem interpretações, demonstrando quase uma total incompreensão do que é uma pesquisa como trabalho acadêmico, o que também nos é interpretado como um trabalho de um sujeito que não se sente responsável pela construção do seu conhecimento e que não quer ser o protagonista, um aluno que prefere se acomodar e receber as informações de forma transmissiva.

Um fato interessante foi o número alto de visualizações. Observou-se que a grande maioria da turma, mesmo os que já haviam realizado suas tarefas, visualizavam as novas propostas.

Infere-se que esse é um comportamento gerado em consequência da rede social ser acessada inúmeras vezes ao dia pelo aluno; de sempre o participante do grupo ser avisado quando havia uma postagem nova; e desse fato gerar uma certa curiosidade. Assim, o aluno que tem o seu tempo de estudo dividido com o trabalho e também com a família é sempre lembrado das atividades pendentes da disciplina, recebendo, através das notificações do Facebook, lembretes dos seus compromissos com a sua formação acadêmica.

CONCLUSÃO

Nossa pesquisa demonstrou que o uso consciente e planejado da rede social Facebook pode ser considerado uma ferramenta importante no dia-a-dia do processo de ensino e aprendizagem, visto que o mesmo evidenciou grande potencialidade de ser um recurso pedagógico.

Primeiramente devemos ressaltar que o Facebook pode ser usado como um ambiente virtual de aprendizagem por apresentar muitas especificidades semelhantes a um ambiente de estudos institucional. A rede social também propicia

uma ampliação do espaço/tempo de sala de aula; possibilita que o aluno faça atividades síncronas e assíncronas e também, assim, colabora para que o professor aumente as suas propostas de trabalho. Ambos os ambientes virtuais se adéquam a uma diversidade de possibilidades de atividades acadêmicas, muitas delas já sendo propostas pela própria rede social e outras podendo ser agregadas tranquilamente.

Um ponto importante – e talvez crucial – no que diz respeito a inclusão do Facebook como um recurso pedagógico, é o fato de que o sucesso do uso dessa plataforma de trabalho é diretamente proporcional às atividades escolhidas pelos professores e à forma como são apresentadas e valoradas. Ou seja, para que possamos ter o uso do Facebook como um ambiente virtual de aprendizagem que auxilie o processo de ensino e aprendizagem, é necessário que os professores saiam de sua zona de conforto, busquem as alternativas das possibilidades a serem trabalhadas e das formas diversificadas que podem ser aplicadas, e conheçam os seus alunos.

Como uma boa vantagem em relação aos ambientes virtuais de aprendizagens institucionais, visualizamos que o uso da rede social Facebook, por já ser um ambiente familiarizado entre os discentes e fazer parte do cotidiano da grande maioria, tem uma boa aceitação quanto ao seu uso. Aliás, inferimos que o fato de um grande número de alunos estarem conectados à rede social praticamente 24h por dia, via celular principalmente, facilita e até instiga a participação dos mesmos nas atividades propostas. Esse fenômeno deve-se ao fato de que as notificações tornam-se mais constantes que as de um ambiente virtual de aprendizagem institucional, já que toda vez que um membro do grupo visualiza, comenta, curte ou publica algo, todos os integrantes automaticamente são avisados. Portanto, julgamos que o alto índice de notificações faz com que, no mínimo, os alunos sejam lembrados de seus deveres acadêmicos e se envolvam mais com as atividades, principalmente no que diz respeito ao cumprimento de prazos. Ressaltamos que essa característica pode ser lida como uma contribuição do Facebook para o desenvolvimento de uma participação responsável dos discentes.

Percebe-se, também, que o uso do Facebook no meio educativo, por um professor, permite que as relações professor-aluno sejam modificadas, ocorrendo

um processo de aproximação, principalmente se o docente estiver disponível para responder às indagações dos alunos. O simples fato de o professor ser “amigo” do aluno, responder a uma dúvida fora do ambiente de sala de aula e talvez em um horário incomum, possibilita que o aluno se sinta estimulado, uma vez que uma dúvida pode ser um obstáculo à aprendizagem, principalmente lembrando que nossos alunos tendem ao imediatismo. Outro fator relacionado é o processo de humanização da educação, uma vez que o aluno se sente inserido, fazendo parte, protagonista, pois ele teve a autonomia de perguntar em um espaço social e o professor não o desapontou.

Constatou-se, porém, que essa rede social, que é comumente utilizada como meio de compartilhamentos, provocações e comentários, uma vez usada com objetivos educativos, não apresentou essas características. Portanto, a rede social não foi utilizada pelo grupo como forma explícita de compartilhamento e construção do conhecimento, o que negativou, por hora, as suas contribuições para uma participação colaborativa entre os discentes.

Obteve-se uma grande resistência por parte dos integrantes do grupo em socializarem suas dúvidas, materiais e opiniões, sendo preterido o contato *in box* com o professor. Acredita-se que esse comportamento foi demonstrado por motivos culturais. Mesmo o Facebook tendo sido criado no meio acadêmico, com o intuito de melhorar a comunicação e a interação entre os estudantes das universidades, com o passar do tempo a rede social assumiu uma conotação muito mais expressiva, sendo, então, utilizada realmente como um ambiente social e não mais educativo. Uma vez internalizada essa ideia de uso, atualmente os estudantes visualizam o Facebook como um ambiente para relações familiares e amigáveis. Portanto, não se sentem à vontade para discutirem e compartilharem, mesmo que com um pequeno grupo, seus problemas estudantis.

Outra hipótese desse comportamento atípico em relação ao uso da rede social no meio educativo pode estar alicerçada em uma forte característica do meio escolar, que é a realização das atividades acadêmicas de forma individualizada. Lembrando, também, que essa está sendo uma característica marcante dessa geração de nativos digitais. Então, seja por uma cultura instalada, ou seja por um momento social e histórico, nossos alunos não sabem trabalhar em grupos. Talvez

compartilhamentos em pequenos grupos; porém, realmente socializarem as suas descobertas e indagações com o grande grupo, ainda não.

Portanto, o estudo evidenciou que a rede social Facebook tem potencialidades para ser usada como um recurso pedagógico, basta que o professor a conheça, planeje suas atividades e esteja disposto a sair de sua zona de conforto.

REFERÊNCIAS

COUTINHO, M. S.; FARBIARZ, A. Redes sociais e educação: uma visão sobre os nativos e imigrantes digitais e o uso de sites colaborativos em processos pedagógicos. In: 3º Simpósio Hipertexto E Tecnologias Na Educação: Redes Sociais e Aprendizagem. 2010. **Anais Eletrônicos**. Disponível em: <<https://www.ufpe.br/nehte/anais/Anais-Hipertexto-2010/Mariana-Souza-Coutinho&Alexandre%20Farbiarz.pdf>>. Acesso em: 26 set. 2015.

FILATRO, A. **Desing Instrucional contextualizado**: educação e tecnologia. 3 ed. São Paulo: Senac, 2010.

FONSECA, R. C. da. A prática docente a partir da interatividade nos ambientes virtuais de aprendizagem. **Revista Brasileira de Aprendizagem Aberta e a Distância**. vol. 9. 2010. Disponível em: <http://www.abed.org.br/revistacientifica/Revista_PDF_Doc/2010/2010_2462010193600.pdf>. Acesso em: 13 jul. 2015.

KNUPPE, L. Motivação e desmotivação: desafio para as professoras do Ensino Fundamental. **Educar em Revista**. n.27. Curitiba Jan./Jun 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-40602006000100017&script=sci_arttext>. Acesso em: 26 jan. 2016.

LÉTTI, M.M. 'Facebooqueando' a sala de aula: a lógica de uso das redes sociais online e a reestruturação da escola. In: 5º Simpósio Hipertexto E Tecnologias Na Educação. 1º colóquio Internacional de educação com Tecnologias. Aprendizagem móvel dentro e fora da escola. **Anais Eletrônicos**. 2013. Disponível em: <http://issuu.com/simposio_hipertexto/docs/livro-de-resumos-hipertexto2013/134>. Acesso em: 11 de out. 2015.

PEREIRA, A. M. de A; ESPÍNDOLA, J. de; ALVES, T. P. Grupos fechados na rede social Facebook: um estudo no âmbito da comunicação e do apoio acadêmico. 2013. In: 5º Simpósio Hipertexto e Tecnologias na Educação; 1º colóquio Internacional de Educação com Tecnologias. Aprendizagem móvel dentro e fora das escolas. **Anais Eletrônicos**. Disponível em:



<<http://www.nehte.com.br/simposio/anais/Anais-Hipertexto-2013>>. Acesso: 22 set. 2015.

POSSOLLI, G. E.; NASCIMENTO, G. L. de; SILVA, J. O. M. da. A utilização do Facebook no contexto acadêmico: o perfil de utilização e as contribuições pedagógicas e para educação em saúde. **RENOTE – Revista Novas Tecnologias na Educação**. v. 13. nº 1. julho. 2015. Disponível em: <[http://seer.ufrgs.br/index.php/renote/article/view File/57586/34564](http://seer.ufrgs.br/index.php/renote/article/view%20File/57586/34564)>. Acesso em: 27 jan. 2016.

SANTOS, V. S. dos; BEHRENS, M. A. Inserção das tecnologias na educação a partir de um paradigma inovador. In: XIII EDUCERE, IV SIRSSE, VI SIPD- Cátedra UNESCO. **Anais Eletrônicos**. Disponível em: <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/302_307.pdf>. Acesso: 17 set. 2015